

POR TRÁS DO "NORMAL": REFLEXÕES SOBRE A PRECARIZAÇÃO DA MULHER TRANSEXUAL NO MERCADO DE TRABALHO NA CIDADE DE PARINTINS/AM

Maria José Galdino da Costa Neta [1]

Weslley Dias Cerdeira[2]

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender a realidade do mercado de trabalho para mulheres trans no Município de Parintins/AM, na identificação das principais dificuldades e desafios enfrentados. Muitos são os desafios que estes sujeitos enfrentam diante do preconceito e exclusão social que se tornam impedimento para a buscar de uma melhor formação profissional, assim como a inserção no mercado de trabalho formal. Diante desta problemática, este estudo buscou ouvir mulheres trans na cidade de Parintins para uma compreensão desta problemática no município. Os principais resultados evidenciaram a falta de oportunidades no mercado de trabalho que afasta e exclui mulheres trans. Isso levou estas a situações de vulnerabilidade e pobreza, sendo obrigadas a optar por trabalhos informais e mal remunerados.

PALAVRAS-CHAVE: Mercado de Trabalho. Mulheres Trans. Exclusão Social.

INTRODUÇÃO

O estudo que aqui floresce é uma análise sobre a realidade de mulheres trans no mercado de trabalho. A pesquisa tem como objetivo compreender a realidade do mercado de trabalho para mulheres trans no Município de Parintins/AM, na identificação das principais dificuldades e desafios enfrentados. Muitos são os desafios que estes sujeitos enfrentam diante do preconceito e exclusão social que se tornam impedimento para a buscar de uma melhor formação profissional, assim como a inserção no mercado de trabalho formal.

Desde a infância as pessoas trans sofrem pela não aceitação social, onde o ambiente escolar que deveria acolher e proteger acaba as censurando e por vezes excluindo do convívio social. A afirmação da identidade de gênero é entendida como uma desobediência do corpo ao binarismo dos gêneros homem e mulher, o que dificulta sua participação social e torna seu processo de formação mais difícil. Esta cultura transfóbica continua no mercado de trabalho, onde também sentem o preconceito e

[1] Estudando do 8º período do curso de Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: mariagaldino90@gmail.com

[2] Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estadual do Amazonas (UEA) e doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: weslleydiascerdeira@gmail.com

discriminação, dificultando o acesso ao primeiro emprego, mesmo que possuam formação e competências necessárias.

Esta problemática evidencia a falta de políticas inclusivas para pessoas trans, bem como o desrespeito a direitos básicos como saúde, educação, segurança e o direito ao trabalho. Todos estes fatores levam as mulheres para situações de marginalização e vulnerabilidade social, onde trabalham na informalidade e possuem baixa remuneração. A desigualdade de gênero se faz presente na cultura ocidental, onde homens ainda ganham mais que as mulheres, mas quando pensamos em mulheres trans, esta realidade é ainda mais agravante.

Diante desta problemática, este estudo buscou ouvir mulheres trans na cidade de Parintins para uma compreensão desta problemática no município. O *lócus* da pesquisa foi a Associação de Gays, Lésbicas e Travestis de Parintins (AGLTPIN) e contou com uma amostra de duas 02 (duas) mulheres trans. As mesmas foram ouvidas a partir da entrevista semiestrutura a partir de um roteiro de perguntas abertas que permitiram às entrevistadas discorrer de forma livre e subjetiva (Lüdke & André, 2004). A análise das falas se deu a partir da análise de conteúdo a partir da junção de técnicas de análise de comunicação com o objetivo de responder às questões referentes à problemática da pesquisa (Bardin, 2016).

Os principais resultados evidenciaram a falta de oportunidades no mercado de trabalho que afasta e exclui mulheres trans. Isso levou estas a situações de vulnerabilidade e pobreza, sendo obrigadas a optar por trabalhos informais e mal remunerados. Portanto, esta pesquisa buscou evidenciar as problemáticas que envolvem as mulheres trans em sua inserção no mercado de trabalho.

O MERCADO DE TRABALHO PARA MULHERES TRANS EM PARINTINS

O mercado de trabalho oferece poucas oportunidades e inúmeros desafios para mulheres trans que sentem as os preconceitos e violências, sejam elas verbais ou físicas. O estranhamento e não aceitação à sua identidade deixam claro espaços de trabalho altamente tóxicos, transfóbicos e conservadores que não as aceitam, mesmo que tenham formação profissional. A partir das falas de nossas entrevistadas foi possível identificar que este preconceito se inicia desde antes da transição e se intensifica após a transição de gênero.

Para mulheres trans, “o trabalho, além de garantir os recursos materiais para suprir as necessidades básicas, configura um fator de identificação fundamental na determinação da inserção do indivíduo na sociedade em que habita” (Santos e Oliveira-Silva, 2021, p. 04). No entanto, a exclusão no mercado de trabalho impossibilita sua inserção não apenas no trabalho formal, mas dentro da sociedade. De modo geral, o cidadão ou cidadã é responsável pelo seu desenvolvimento profissional e competências que lhe garantam oportunidades de trabalho, mas com mulheres trans este processo não ocorre dessa forma.

Muitas destas mulheres não conseguem alcançar este nível de formação e as que conseguem são excluídas por sua identidade de gênero. Como discutido no tópico de formação profissional, as mulheres trans enfrentam duplas e até triplas dificuldades que uma pessoa cisgênero não enfrentaria. A divisão entre cargos para homens e cargos para mulheres excluem mulheres trans, pois a “ambiguidade pode ser vista como algo capaz de perturbar o desempenho da função, principalmente num mundo onde muitas ocupações se exercem vinculadas à apresentação e conservação da imagem (Adelman, 2003, p. 84).

Como assevera Jesus (2012) estas são formas de marginalização e perseguição a mulheres trans que fogem àquilo que é considerado normal pela sociedade. Essa transfobia velada acarreta diariamente numa série de violações de seus direitos, principalmente quando se trata do acesso à educação, saúde, mercado de trabalho e muitos outros espaços, levando à exclusão social desse grupo (Lima e Ferreira, 2023). Isto acarreta nos estereótipos, onde mulheres trans não podem ocupar cargos importantes e socialmente visíveis, apenas de cabeleireiras, faxineiras, cozinheiras ou prostitutas. Tal visão prejudica a compreensão destes sujeitos que são muitas das vezes impedidos de exercer determinadas funções e cargos em instituições, sejam elas públicas ou privadas. Conforme no relata Rubi:

> Muitas meninas se qualificam e a gente sempre vai atrás de curso, mas às vezes a gente falha. Muitas também não querem fazer mas isso não vem ao caso normalmente mas assim, eu acredito que o município deveria abrir as portas para o movimento trans para as meninas trans muitas meninas se qualificam aí quando não tem uma oportunidade de emprego na cidade vai procurar por outras coisas porque para a população LGBT tem que cozinhar, tem que trabalhar com cabelo tem que fazer outras coisas, mas não, muitas meninas são capacitadas fizeram treinamento, participaram de cursos para ir mais além, entendeu? mas eu acho assim, que o município deveria também dar

> o primeiro emprego, uma oportunidade para as meninas trans ter essa oportunidade de emprego também (Entrevista, 2025).

Na realidade do mercado de trabalho do município de Parintins existem poucas oportunidades de emprego e em sua maioria não remuneram de forma adequada esta comunidade. As possibilidades de inserção no mercado de trabalho parintinense são mínimas e mesmo realizando trabalhos considerados femininos, não são consideradas mulheres. Políticas como a oportunidade do primeiro emprego para pessoas trans seria essencial para uma mudança nesta realidade, pois como nos narra Rubi, muitas possuem capacitação para conquistar uma vaga de emprego, mas não existem políticas de inclusão de pessoas trans no município e no comércio local.

Desse modo, “considera-se que uma das grandes problemáticas do mercado de trabalho, hoje, se encontra na atual conjuntura das barreiras encaradas pelos transgêneros para conseguirem uma posição no mercado de trabalho, pois a segregação ocupacional ainda norteia algumas atitudes no mundo do trabalho” (Moura e Lopes, 2014, p. 08). A diversidade de gênero se coloca como uma dupla e tripla dificuldade enfrentada pelas mulheres trans no município de Parintins, onde ainda se vive num país que homens tem salários maiores do que os das mulheres e essa desigualdade se intensifica ainda mais para mulheres trans. Esta é a realidade de Safira, que embora tenha a sua profissão de dançarina, esta não é o suficiente para sua subsistência, tendo que optar por outras alternativas de trabalho para completar sua renda. Vejamos:

> Eu sou dançarina do caprichoso há 10 anos. Eu danço no caprichoso até antes da minha transição e sou reconhecida através da minha dança. Já dancei em muitos festivais lá afora como festribal como festival de sairé entre outros e, eu trabalho com faxina, como na verdade eu né eu trabalho com freelance onde tiver emprego bico eu estou trabalhando. Até porque Parintins em si é uma cidade que não tem muita visibilidade para o mercado de trabalho pra abranger as trans tanto feminina quanto masculina (Safira, entrevista, 2025).

A falta de políticas inclusivas inviabiliza ainda mais a busca por um emprego formal e agrava ainda mais a inclusão de pessoas trans no mercado de trabalho. A realidade de Safira é a realidade muitas pessoas trans que enfrentam barreiras sociais, econômicas e culturais que limitam não somente seu ingresso no mercado de trabalho, mas também a expõe a formas de exploração e vulnerabilidade social (Santos e Miranda, 2024).

Para Lauretis (1994), o gênero está estreitamente ligado a fatores que envolvem a questão política e econômica de cada sociedade. Os relatos de Rubi e Safira expõem as dificuldades de ingresso no mercado de trabalho e a existência de um outro mercado não formal, onde o seu labor é pouco valorizado, não é bem remunerado e passa despercebido pela sociedade. Esta percepção sobre a realidade de trabalho das mulheres trans em Parintins se dá no seguinte relato:

> A cidade de Parintins tem sim emprego, tem mercado de trabalho tem uma renda que movimenta bastante, porém se não fosse uma peixada de pessoas que eles quisessem né como questão da logística muitas trans estariam empregadas, e eu conheço trans de respeito em Parintins sabe , assim como eu sou uma delas a gente sabe se impor, se colocar, a gente sabe trabalhar com o público a gente sabe trabalhar no ramo que gente precisa né, que a gente quer (Safira, entrevista, 2025).

Assim, as mulheres trans são desvalorizadas e não possuem o reconhecimento e as condições necessárias para conquistar espaço no mercado de trabalho local. Diante desta realidade latente, o mercado de trabalho no município de Parintins se faz hostil a pessoas trans, reservando para esta comunidade empregos menores, com baixa remuneração e sujeitos a exploração laboral. A realidade de trabalho das entrevistas aponta a urgência para a criação de políticas públicas para a efetivação dos direitos mais basilares das travestis e transexuais, tanto no mercado de trabalho, quanto na educação e formação profissional (Alves, 2021). O problema da exclusão social é evidente e dá luz a uma realidade de pobreza e marginalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender a realidade do mercado de trabalho para mulheres trans no Município de Parintins, na identificação das principais dificuldades e desafios enfrentados. A partir das falas das entrevistas foi possível compreender seus dilemas e problemas enfrentados enquanto mulheres transexuais. A transfobia foi um dos principais agravantes, onde desde a infância à vida adulta impactou diretamente em suas vidas.

A falta de formação profissional se dá na falta de oportunidades e da exclusão social por parte de escolas e universidades que ao invés de acolherem e cultivarem a diversidade, não aceitam sua identidade de gênero e seu nome social. O preconceito

por parte de colegas e professores desestimula os estudo e impedem o crescimento profissional, pois desistem de seguir qualquer outro tipo de formação.

O ambiente de trabalho é excludente, restando para estas mulheres a informalidade em trabalhos pesados e por vezes explorado com baixa remuneração. Todo está problemática retira o direito ao trabalho, à saúde e educação colocando estas mulheres em situação de vulnerabilidade e marginalização. Ambas as entrevistadas passaram e passam por estas situações de desigualdade, exercendo trabalhos não formais, trabalhando com o que parecer para completarem suas rendas.

REFERÊNCIAS

ALVES. Fernando de Brito. Travestis e transexuais no mercado de trabalho: Reinserção social e efetivação da cidadania. *In*: DIAS, L. F.; ALONSO, R. P.; RAZABONI JUNIOR, R. B. **Novos direitos na contemporaneidade - Vol. 1**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 213-230.

ADELMAN, Miriam. **Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina**. Estudos Feministas, Florianópolis, 11(2): 360, julho-dezembro/2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2ª edição – revista e ampliada. Brasília, 2012.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, B.H. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, Danyelle Sousa de; FERREIRA, Raiane Maria Barbosa. **Dificuldades das pessoas trans no mercado de trabalho brasileiro na atualidade**. Faculdade de Ciências Humanas ESUDA, 2023.

Lüdke, M.; André, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 2004

MOURA, Renan Gomes de; LOPES, Paloma de Lavor. **Comportamento organizacional frente a diversidade: a inclusão de travestis e transexuais no mercado de trabalho**. Simpósio de Excelencia em Gestão e Tecnologia XIV SEHet, 2014. Disponível em: https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos17/1182593.pdf. Acesso em 12/02/25.

SANTOS, Patrícia Silva dos; MIRANDA, José Sérgio. **Os direitos da mulher trans no ambiente de trabalho: desafios e perspectivas**. Revista Foco, v. 17 n.1, p.01 30, 2024.

SANTOS, Karolyn Marilyn de Oliveira; OLIVEIRA-SILVA, Lígia Carolina. **Marcadas pelo mercado: inserção profissional e carreira de mulheres transexuais e travestis**. cadernos pagu (62), 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/355016978_Marcadas_pelo_mercado_insercao_profissional_e_carreira_de_mulheres_transexuais_e_travestis. Acesso em 12/02/25.